



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Casa do Gaiato do Pôrto
PAÇO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

Uma palavrinha aos Grémios do Pôrto

DEU sinal o Grémio dos Exportadores de Vinho do Pôrto, que logo foi escutado por um de Lisboa e um outro do Pôrto com donativos publicados em o *Do que nós necessitamos*.

Os Grémios, Comissões e Institutos são dentes da engrenagem corporativa com que ora nos governamos.

Eles realizam o dito que anda na boca do nosso povo, aplicado todos os dias na vida de cada um: *onde todos pagam nada é caro*.

Daquelas mínimas percentagens tiradas à mercadoria, que todos pagam, saem fontes de valores reais. Ainda que mais não fôsse, bastaria a qualidade e esmero garantidos às nossas exportações. Já se não diz hoje, ou diz-se com menos verdade, que as amostras que os portugueses mandam não são nada da mercadoria que exportam.

Isto já era muito, mas êle há mais. A doutrina dos Grémios, tem a sua parte de assistencia social, e é precisamente aqui onde eu me quero demorar um bocadinho, a conversar com os Grémios do Pôrto.

Em regra, quem dá e porque dá do que é seu ou daquele que administra, forma um critério muito pessoal e distribui consoantemente.

Ora eu quizera que assim não acontecesse com a *Obra da Rua* e que antes de cada um se determinar procure conhecer e medir a profundidade dela, fazendo um caso de consciência do obolo a distribuir.

Nós lidamos com gente da rua, a obra mais difícil e mais ingrata de quantas a humanidade tem.

Trabalhamos sôbre tudo com e pela creança da rua, tão suja pela desgraça, que se torna necessario vencer muita repugnância, antes de se lhes dar com a beleza.

Este trabalho, meus senhores, é um segredo divino, sim, mas não pode de maneira nenhuma dispensar o auxilio dos homens.

Esteve aqui há dias um *ardina* de Lisboa, que vende *O Gaiato* na capital; vieram dois, como prémio do seu zelo na venda do pequenino jornal. Nas impressões que colheu dos dias em que foi hospede, escritas por êle mesmo e adiante publicadas, o miudo escreve uma verdade que é de abalar os alicerces do mundo: — «temos pais que não querem saber de nós, devido às más instruções que nos deram quando eramos pequenos». E' assim mesmo.

A nossa maior desgraça, é vivermos hoje no meio destes degenerados morais, triste herança e triste prémio do nosso não fazer caso.

Desde que a Casa do Gaiato se instalou em Paço-de-Sousa, já cá vieram dois pais pelos filhos, perdidos de bebados.

Não foi às primeiras que lhós entregamos, mas a isso nos obrigou a frequente visita dêles. Outros, teem aparecido a solicitar os filhos, para a mercancia do mendigar. Há pequenos nas nossas casas que abrem os olhos de espanto, quando se lhes diz que o roubo é um pecado; — *mas o meu pai é que me dizia para eu roubar!*

Temos queimado cartas de mães aos tilhos, aconselhando-os para o mal, na nossa companhia! De muitas maneiras, temos aprendido no trato com esta classe de gente a herança que êles trazem. Não a regeitamos. Fazemo-la nossa com a esperança de que alguns dêles a não venham a transmitir. Esta é a guerra da obra.

Tem-se feito pouco caso deste flagelo humano, que é, afinal de contas, o *nosso* flagelo.

Mais facil e mais cómodo é o fazer-se desta gente uma casta à parte. Já tenho sido censurado por homens de bem: — *você leva a culpa para Paço-de-Sousa*. A critica dos bons, é simplesmente terrível.

Sim; temos considerado casta, o que é, por força do Evangelho, uma classe de irmãos nossos.

«Agora já não há romanos nem judeus, não há ricos nem pobres, não há senhores nem escravos — mas todos — somos irmãos». Esta doutrina perdeu-se. No meio da chusma destes pequeninos infelizes, eu levanto a minha voz até aos Grémios da invicta humildemente.

Que o fundo deste *Gaiato* seja o assunto do dia, nas próximas reuniões da mesa da direcção. Que os Ex.^{mos} Directores dilatem o seu coração e me ajudem a formar um pequenino nucleo, que seja amanhã semente de escolha no nosso campo social. Não os podemos aproveitar todos, mas entre muitos encontram-se alguns. Não peço que tomem à sua conta o alimento e o vestuário dos nossos pequenos. Não peço, que isso há-de ser o fruto do suor do seu rôsto; nós trabalhamos. O operário é digno da sua mercê.

Mas sim, esperamos que me ajudem a levantar a *aldeia*, para a qual o Estado já deu 540 contos. Temos agora a Casa de Lavoura com nota de urgente.

Se eu tiver a sorte de cair nas boas graças dos Membros das Direcções dos Grémios da cidade do Pôrto, tantos e tão ricos são êles, não mais voltarei a gastar solas nos degraus dos Ministérios, nem tempo à espera de ser recebido. Assim seja.

Um episódio

Eu chegara de fora e o porteiro deu-me recado de que o Augusto e o Ernesto haviam fugido naquela manhã. Não é de dizer a ninguém tôda a amargura que vai no seio destas noticias; não é! Outro que fôra, não se me dava tanto, mas o pequenino Ernesto de 7 anos de idade, vivo, inteligente, — gatuno! Entrei. Ouvi a mesma noticia da boca de inumeros dêles, inconscientes do mal que ia dentro de mim: FUGIRAM DOIS!

São horas de grande prova.

A' tardinha, chega o Augusto com novidades. Conta de que nas alturas de Valongo, descobriu que o Ernesto levava 90\$00 em notas e duas joias; de como este lhe dissera que no Pôrto haviam de negociar as ditas joias numa casa de penhores e repartir o dinheiro; da luta que houve de sustentar com o pequenino Ernesto para lhe tirar o furto e, finalmente, de como êle desaparecera por entre os milheirais dos campos.

O regresso do Augusto, munido do roubo, foi alivio, sim; mas eu queria o ladrão! Ele era meu desde Fevereiro. Disse-me, ao chegar à nossa casa, ser de Rezende, ter fugido para o Pôrto, não saber de pai nem mãe; — e tinha já dado provas decisivas e repetidas do seu jeito de roubar. Eu queria o larápio, não o furto!

Subi ao sitio onde se está erguendo a nossa aldeia, desanimado. Pedreiros a cantar às pedras, levantam edificios de maravilha. Muito triste pela perda do pequenino, balbuciei a piece do Sacerdote: — «Pai Celeste, êles são Vossos; não peço que os tireis do mundo, mas sim que os livres dos males do mundo».

Ele é absolutamente impossivel, que Deus não escute quem chama com alma. Chegou o Ernesto, disse-me o Durães.

Nessa mesma noite houve julgamento. Foram chamados à barra o pequenino salvado ma'fo seu salvador. Se estas creanças não olham a própria consciencia nestes julgamentos, já a não teem noutros julgamentos!

Tinha enfeitado o Augusto para fugir com êle e sucede que se vira o feitiço contra o feiticeiro. Quando Deus quere, até das pedras saem filhos de Abraão.

Assinante e correspondente

A minha segunda visita às obras da futura «Aldeia dos rapazes»—a primeira caiu em repouso dominical—foi em plena actividade. Pedreiros, carpinteiros e caidões moviam-se na sua tarefa de erguer, cobrir, forrar e revestir as casas. Fora uma brigada de homens abria a avenida de acesso, enquanto outros conduziam o desatêrro para a terraplanagem da aldeia.

Examinei atentamente todos os trabalhos, e ao deixar as obras envolvi num último olhar todo aquêl mundo de gente. Eram muitos operários e eu, afeita a contas, embora de menos algarismos, esbocei um cálculo. Foi tão grande a soma que antevi que, sem querer, como se me vergasse o seu pêso, curvei a cabeça e os ombros e disse baixinho para mim: pobre Padre Américo!

Preocupada, desci para o mosteiro (actual habitação dos gaiatos) um pouco alheada do que vira, entregue aos considerandos do meu espírito ..

Pobre Padre Américo, pensei baixinho: não que o lamentasse pela obra que empreendera—pois quanto mais arriscada maior é o merecimento—mas porque sabia que era só com a caridade, com a nossa caridade, que êle contava e temi que ela não fôsse bastante para cobrir despesas tão grandes.

A caridade! Não que eu duvidasse da fonte, que é inexgotável porque é o próprio Deus; receava, sim que nós, pobres e fracos reservatórios a deixássemos escoar pelas feridas da nossa ambição, da nossa vaidade, do nosso egoísmo. E senti que era de grande necessidade acordar os corações de todos os portugueses e obter a maior e mais eficaz colaboração nesta obra de resgate do pequenino vadio.

O que já se fêz é muito, representa uma grande generosidade da parte de muitos, mas outros têm-se contentado em admirar a obra. E não basta admirá-la, é preciso ajudá-la.

Recordo-me de ter lido nos jornais de então, quando do conflito russo com a Finlândia, que êste povo se queixava que o mundo se pasmava em admiração pela sua coragem, mas não se decidia a ajudá-lo. E teve de capitular.

Admiração passiva, estéril. Quantos de nós enfermam dêsse mal quando se trata de qualquer obra boa que carece de auxílio!

A's vezes é um mal compreendido bairrismo: «os de lá que dêem»; «os de lá que ajudem»!

Mas então lá não é Portugal? E êste Portugal continental tão pequenino havemos nós de o encher de fronteiras distritais! Oh! não pode ser! Não desprezemos os pobrezinhos da nossa terra, mas alarguemos a nossa alma até aos necessitados das outras terras, digo, que vivem noutras terras—pois podem ser ou vir a ser da nossa.

Ajudemos o construir e concluir rapidamente a «aldeia dos rapazes» de Paço de Sousa e quando essas casas forem insuficientes para os vadiosinhos de Portugal, então pense-se em construir outras, por exemplo: em meio da «imensidade» do Alentejo.

E' tão feio começarmos muitos trabalhos ao mesmo tempo e deixá-los eternizar-se em meio ..

Acabemos depressa, êste sim?

UMA VISITANTE

Venda do jornal

Os nossos pequeninos vendedores do derradeiro número, foram muito felizes no "negócio". O Oscar acusou uma esmola de 50\$00 de um senhor e o Alfredo uma de 20\$00 de uma senhora.

No dia seguinte o Amadeu e Oscar foram vender às Termas de S. Vicente, com grande êxito.

ESTE NÚMERO DE

“ O GAIATO ” FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

BOTE-NOS NO JORNAL A COLHER AMEIXAS. Esta foi a saudação do Adelino Porto, empoleirado nas arvores do nosso pomar, em uma destas manhãs. São horas de verdadeiro entusiasmo. Designam-se devespera os nomes dos ripadores da fruta, que largam ao cantar do galo com escadas de abrir e cestas a tiracolo. Escolhemos dos mais pequeninos, que levam as mãositas às extremidades, sem riscos de cair abalto.

Ontem, viam-se estas mesmas creanças famintas e angustadas diante de vendeadas aninhadas nas esquinas, com cestos de fruta melada, lambida das moscas, coberta de poeira! Ou pior ainda, como já me aconteceu observar na cidade do Pôrto:—um grupo de garotos, à roda de cascas de peras do chão, de que, faziam agora delicioso manjar!!

A distancia do Pôrto aqui, é de 25 quilómetros. Porém, o que separa estes dois quadros, é medido pelas estrelas!

NOTÍCIAS

Temos sabido resistir às solicitações dos compradores de fruta e mais produtos da quinta—nós, que de tudo necessitamos para alimento e regalo, dos que cá habitam!

Havemos de marginalar a Avenida da Aldeia com arvores de fruta da nossa terra. É um quilometro de arvoredo. Utilidade e beleza, o mesmo é que oiro sobre azul.

O Senhor Abel Barbosa de Castromil, horticultor e assinante de «O Gaiato», fica já com o recado de que este ano, quando vier o tempo de plantar, mandaremos aos seus viveiros pelo que mais convier. Vamos dar nome valor e estima ao que o povo de Portugal desconhece ou tem, até agora, desconhecido! A fruta dos nossos campos não é cultivada; é tolerada. Ninguém se importa.

TRAZEMOS actualmente graves discordâncias dentro da cozinha por causa de um Gato. Foi o caso que o nosso Sérgio apanhou um na mata, caldo do ninho, e foi colocá-lo sobre um armário, preso a um pau, com recado aos cozinheiros de lhe dar comida, sempre que a ave peça. Ora aqui é que está o mal; sucede que todos lhe querem dar o biscoito, quer peça quer não, a começar pelos mais miúdos. Esperamos que o gato não chegue a ser verde, por amor da paz entre chefes e chefiados.

A Cozinha é lugar de constantes zaragatas. Houve-se de intervir em um caso muito sério, onde o Bartolo estava dando uma valente sova no Carlos, com o cabo da vassoira. Ora não

tinha jeito nenhum porquanto, o primeiro, um alemão de 11 anos de idade, é o ajudante; e o segundo, um rapazinho delgado de 13 anos, é o chefe.

Apelou-se para a lei de protecção ao mais fraco e para a doutrina do amor fraterno e para o principio de autoridade:—Tu não vez que o Carlos é o teu chefe?

—Qual chefe nem meio chefe; é um anjinho, que para aí anda!

E por muito tempo, o Bartolo de Leiria, foi visto e ouvido a resmungar a um canto da cozinha, com a vassoira ao pé...

OUTRA questão, de todos os dias, é o rapar do tacho. Eles vêm dentro ao refeitório pedir vez, em ar muito ordenado, e levam ordem de rapar. Mas chegam à cozinha e já está outro mais esperto de colher na mão, pronto para o ataque.

—Tira lá isso; olha que sou eu! E começa Troia a arder!

DIVERSAS

A freguesia de Paço-de-Sousa, esteve de festa no derradeiro domingo. Os nossos pequenos formaram na procissão à excepção do cozinheiro, o Carlos de Tábuas, e o Oscar que se ofereceu para ficar na cozinha, nas vezes do 2º cozinheiro, o Constantino de Coimbra.

A' hora de recolher, o fogueteiro, lança a melhoria do fogo, em qualidade e em quantidade. Eu estava a uma das janelas que dão para a cêrca, e notei uma coisa branca a reluzir nos milheirais; era o barrete do Carlos.

—Oh rapaz; olha a ceia! —Apanhei cinco daqueles grandões. E mostra as canas dos foguetes!

É uma vez, na Casa de Miranda, entraram uns visitantes na cozinha e viram que estava somente o ajudante.

—Que é do cozinheiro?

—Anda no recreio a brincar.

Os nossos homens de amanhã, são hoje rapazes! Só assim é que hão-de ser homens.

ENTREI em um dos nossos dormitórios um nada antes da hora de despertar. O Mondim, o Avozinha e o Amadeu já estavam prontos a sair.

—Que é isso, pequenos?

—É para adiantar serviço.

Era sábado, dia de limpeza da nossa casa. Eles são refeitoreiros. Nenhum tem mais de 11 anos.

Da que nós necessitamos

Mais mil escudos de um visitante, mais 50\$00 de Avanca, mais 530\$00 na Escola Comercial Mouzinho da Silveira, no fim de um recado que lá fui dar; mais um par de piúgas para o Fernando e um dito para o Manuel ambos do Pôrto,—presente de anos. Mais um pacote de roupas infantis de Lisboa. Nós temos sempre necessidade de roupas usadas; dessas que já passaram à reforma dentro das tuas casas e são a fôrma do corpo dos nossos pequeninos. Mais um sobretudo de Viana do Castelo. Mais um envelope com 200\$00 no Depósito. Mais um com 120\$00 idem. Mais 50\$00 de Lisboa. Mais de uma firma comercial do Pôrto, cinco quilos de Biber e igual quantidade de futuro se fôr necessário.

E' sim senhor. Qualquer dia vai o Julio buscar.

Obrigado, Alvaro, pelos pacotes de Quakerdats que tinha guardados para o seu filho. Vai ver como êle fica mais nutrido!

Quando volta à nossa Aldeia? Dou-lhe leite e boroa, como é costume. Mais um cálice para a nossa capela. Mais a oferta de um altar de pedra de Ançã. Logo que tenha a planta em estilo, virá o escultor tomar alturas. Mais 150\$00 de um visitante. Mais um outro sobretudo. Mais 400\$00 de S. João da Madeira. Mais um carneiro de Ermezinde. Mais 3 pintainhos e uma galinha, do Pôrto. Foi lá o Durães por ela.

Diz que põe um ovo todos os dias;—foi o recado que êle deu em casa. Se assim continua temos em breve a capoeira refeita. Mais, outra vez do Pôrto, uma dúzia de ovos de raça; já estão aninhados. Mais, de um Grémio do Pôrto, mil escudos depositados no Banco do Espírito Santo. Mais de outro Grémio de Lisboa, dois sacos de arroz. Mais o peditório na igreja dos Carmelitas que subiu a 3.310\$00 e duas joias. Mais uma pequenina moeda de prata, nas ruas do Pôrto, de uma mulher

Atenção

Foi muito elevado o número de famílias, que desejam pôr a mesa aos nossos gaiatos nos domingos de venda do Gaiato, não podem ir a casa de ninguém e passam como até aqui, a comer a sopa na Pensão.

Na rua, de onde êles eram e hoje não são podem os Incolas da cidade dar-lhes chocolates, conselhos, simpatia.

Podem fazer assinaturas, mandar visitas, confiar esmolas.

O Oscar trouxe 50\$00 de um senhor e o Amadeu 20\$00 de uma senhora. Eles deliram com estas esmolas e à chegada a casa, fazem um arraial de tremer!

Este é o número 10 do nosso jornal. Têm ido vender desde o início, e só um dêles me fugia, com visível repulsa da comunidade. Ora êste é justamente o Bem que veio daquêle Mal.

Foram dois às Termas de S. Vicente e regressaram como as abelhas, cheinhas.

O «Priquito» e outro hão-de ir a Granja. Já tenho quem chame dois para Leça. De Miranda hão-de ir à Figueira os três vadiosinhos que eram de lá.

Cantando, espalharemos por tôda a parte o valôr dêstes soldados desconhecidos!

A caridade é solicita

Pôrto, 15 de Junho de 1944 Junto enviamos a importância de Esc.—120\$00—que agradecemos o favor de receber como o donativo com que desejamos contribuir para tão grandiosa como arrojada e humanitária Obra, importância essa que, confessamos, provém exclusivamente do produto da venda que efectuamos de impressos tornados inúteis para os serviços dos nossos escritórios e que até aqui desprezavamos, inutilizando-os sem proveito de ninguém.

Estará, assim, aberto um procedente? Deus o queira.

S. V. F.

Muito pobre. Mais uma nota de vinte de um operário electricista na casa Teixeira Lopes do Pôrto, que anda a proceder à instalação de luz na nossa aldeia.

Mais 200\$00 nas Termas de S. Vicente. Mais se diz que o segundo piano, oferta de um amigo de Figueiró dos Vinhos, chegou a Cete, com boa viagem. Mais 50\$00 de Lisboa, mais 200\$00 do Pôrto, mais um tome lá 50\$00 para os seus rapazes na mesma cidade, mais no Depósito um pacote de roupas da Mocidade e um dito com uma estola bordada a oiro. Roupas usadas da Mocidade têm grande aceitação na nossa Aldeia. Senhor Alentejano, aquele cheque de 500\$00, que nos ofereceu, veio, cá ter por Deus.

Olhe que a carta vinha dirigida a Valongo! quando mandar mais quinhentos, ponha Paço-de-Sousa.

Mais no Pôrto, uma preciosa medalha de oiro, para o calice da sua capela. Sim senhor. Fica a valer muito mais esta preciosa medalha, por ser oferecida ao culto de Deus. Quem tiver em casa joias velhas, fragmentos de oiro ou de prata, coisas fora de uso, empregue-as desta maneira.

Tua

A no... nossos constan... gaiatos. tudo ze... Freitas... carpinte... Para tu... —Ent... forja? —Var... tão carc... —Peç... forja pa... —Est... Não s... —Oh!... nunca n... Passa... não me... Quan... buscar... Quan... eu? O Fre... O fer... que tih... Preço... tura; ret... O rap... se o tra... —O c... Pega... sado ao... —Voc... —Cal... —Voc... repete e... —Eu... tos. —Voc... O que f... e, depo... para fin... ferro, m... —Ben... tostões, O Fre... ceu. —Oli... rapava-r... Tem l... que lhe... bigorna. P. S. —dinheiro... rir. Este f... beijeji na... —se ali e... outros.

O qu... o cor...

Debaix... que esta... revelar, e... gos, dun... a quem... gratos. Um Pr... de depo... Santo, 69... apostolad... De certo... em procu... lia, abenç... Um de... Hospitais... menor, n... O c Gaiato

Do que se diz e do que se faz na Casa do Gaiato de Coimbra

Tudo nosso

A nossa casa, a nossa quinta, os nossos bois, são palavras que soam constantemente na boca dos nossos gaiatos. E como tudo é *nosso*, eles tudo zelam com carinho. Até o Freitas é homem dos sete ofícios: carpinteiro, agricultor, padeiro etc. Para tudo tem jeito.

—Então quando é que vem a forja?

—Vamos a ver, rapaz! Está tudo tão caro...

—Peça lá no *nosso* Jornal uma forja para mim.

—Está bem rapaz! Descança! Não se esqueça!—insiste.

—Oh! acrescenta desalentado, nunca mais pede...

Passam-se os dias e o Freitas não me larga.

Quando é que vou a Coimbra buscar a forja?

Quando será, senhores, pergunto eu?

O Freitas merece-a.

O ferreiro traz uma enchada que tinha ido a concerto.

Preço: 10 escudos. Deixa a factura; retira-se.

O rapaz mira a alfaia, para ver se o trabalho estava bem feito.

—O quê! dez escudos?!

Pega na enxada e volta apressado ao artista.

—Você, não calçou esta enxada!

—Calcei! sim senhor.

—Você não calçou a enxada, repete em tom mais alto.

—Eu não dou confiança a garotos.

—Você julga que me engana.

O que fez foi limar aqui a ponta, e, depois, fez um risco a cinzel, para fingir que daqui é aço e dali ferro, mas ela era toda de aço.

—Bem leva lá isso por quinze tostões, porque eu quero...

O Freitas voltou radiante. Venceu.

—Olha se eu não tinha lume, rapava-nos oito e quinhentos...

Tem lume, tem, sim senhor: o que lhe falta é o fole, o malho e a bigorna.

P. S.—Manda uma forja, ou dinheiro com que a possamos adquirir.

Este foi o primeiro rapaz que eu bejei na Casa de Miranda. Creou-se ali e tem-nos ajudado a criar outros.

O que nos traz o correio :::::

Debaixo da aparente indiferença que esta lista de donativos parece revelar, encontramos generosos amigos, duma dedicação inextinguível, a quem fervorosamente somos gratos.

Um Professor Universitário acaba de depositar, no Banco Espírito Santo, 690\$00, fruto do seu zeloso apostolado a favor de «O Gaiato». De certo não será mais cuidadoso em procurar pão para a sua família, abençoada com dez filhos.

Um dedicado Enfermeiro dos Hospitais já nos enviou quantia não menor, num apostolado idêntico. O «Gaiato» está a ser a melhor fonte

de receita, para a sustentação desta Casa.

Todos os ilustres Clínicos, tanto de Miranda como de Coimbra, a quem temos recorrido, têm sido duma amabilidade extrema: examinam cuidadosamente os pobres gaiatos, quasi todos filhos de alcoólicos, sífilíticos ou tuberculosos, dão-lhes remédios gratuitos, e, com um sorriso amigo, recomendam que voltemos sempre que seja necessário.

Duas alunas universitárias acabam de enviar-nos 50 camisolas. Ganhamos o primeiro prémio no concurso dos carros da Queima das Fitas, sem termos concorrido.

«Um estudante amigo» também se não esqueceu de mandar, mais este mez, os 20\$00 do costume e um anónimo, com o pedido duma A. M., envia 50\$00 em acção de graças por um benefício recebido. Das Caldas da Rainha alguém nos envia uma caixa com óptima roupa para recato do corpito dos ardinas, quasi nus!

E não esquecemos algumas bondosas senhoras que teem sido incansáveis em distribuir, entre pessoas suas conhecidas, os livros do *Pão dos Pobres* e «*Obra da Rua*».

Não, não temos razão para queixas. Saibamos nós corresponder.

E, para terminar, mais uma advertencia: vai principiar o 2.º semestre. Fiados na palavra dada, vamos enviar o nosso cobrador dos generosos sócios subscritores da Casa do Gaiato. Cremos que terá o bom acolhimento de sempre. Mais alguns subscritores tem vindo por seu próprio pé, e uma senhora dos Olivais, pede que dobremos a sua cota semestral. Maneira delicada de dizer de quem parece estar em dívida para com os Pobres. E não será assim? Creio bem que quem mais dá, é quem mais recebe.

Enviaram *bolas* «um reformado ferro-viário, que desejaria poder dar muito mais: 50 escudos. Um senhor Engenheiro: 100\$00. Outro bondoso senhor, 500 para o bacalhau, amigo fiel e indispensável. Uma mãe acompanhada do seu filhinho, a quem quer dar exemplo de amor pelos *gaiatos*, 40\$00 além de muito mais que já tem dado. Um pequenino, de Caldas da Rainha, envia o seu fato que deixa de usar e oferece a um gaiato que trata por irmão e uma linda carta com 20\$00. O Grémio do Industriais de Arroz despachou um saco do dito e esperamos outro de alguns.

Agora são sessenta bocas a rilhar. Desde já uma palavra de agradecimento aos dedicados estudantes do Liceu e dos Seminários da Guarda e Coimbra que se puzeram à disposição das *farrapos da Rua* para os servirem durante as férias.

Os nossos vendedores

Periódicamente descem a Coimbra, vão até à Louzã, e percorrem a vila de Miranda e seus arredores, na distribuição de «O Gaiato». Brevemente invadirão a Figueira da Foz.

E' um dos prémios mais ambicionados.

A última venda foi repleta de suprézias. Entraram no café Nicola e fizeram bom negócio.

Um senhor, sacou dum cheque de cem. Grande deve ter sido, nesse generoso Senhor, a sua alegria pela boa acção praticada; mas maior foi a alegria que proporcionou com a sua generosidade. O Gaiato deitou a correr, às cegas, pela rua além—olhe! olhe! um cheque que um senhor me deu!

Outro ardina entregou fielmente uma carta anónima com 80; um terceiro, convidado a entrar numa livraria, trouxe um lindo livro de histórias que devora nas horas livres, e o último deles teve uma boa merenda numa casa amiga. Obrigado!

Mais uma vez se previne que só são da Casa do Gaiato aqueles que se apresentam com distintivo próprio. Só esses merecem a nossa confiança.

Tem hoje a palavra o João Carlos :::::

O que eu passei antes de vir para a «Casa do Gaiato». Eu vim por intermédio do meu irmão que é o maioral do Lar do Ex-Pupilo dos reformatórios e chama-se Herlander. Eu vim por não ter educação nem ir à escola. Não queria trabalhar e por isso sempre na vadiagem. Eu entretinha-me a jogar à batota e ganhar dinheiro. Fui quatro vezes preso por andar atrás dos eléctricos. Eu desobedecia a toda a gente. A minha mãe mandava-me comprar as coisas e eu ficava com o dinheiro. Eu tenho muitos irmãos: um está em Paço de Sousa na Casa do Gaiato; outro está no albergue da Mitra e eu estou em Miranda do Côrvo. Eu andava sempre a roubar aqui e acolá, uma vez fui ao cais esperar a camioneta dos melões para roubar. Eu vinha habituado à vadiagem e por isso no segundo dia fugi. Eu fugi mas não sabia o caminho e fui ter a Louzã e depois um homem disse-me que Coimbra era não para ali e tive de voltar para trás. Quando cheguei ao Calhabé ia cheio de

fome e roubei três laranjas e um limão, comi tudo com casca porque a fome era muita. Eu peço muito a Deus que me ajude a ser um homem, que o meu entusiasmo é ser marinheiro desde que entrei num contra-tropeleiro. Eu também sou da conferência de S. Vicente de Paulo e sou o Secretário. Eu sou de Lisboa e chamo-me João Carlos.

Os nossos pobres

Dentre os pobres que temos, há uma velhinha muito necessitada que mora nas Miãs. Não tem nada de comer e diz que lhe roubam o dinheiro que lhe dão. Quando se fundou a conferência começou-se a ir lhe lá levar pão, mas ela diz que os ratos lhe comiam. A gente combinou então lá ir três vezes por semana levar-lhe um bocadito de sôpa e de conduto. Ela diz que tem uma perna partida e quando cai começa a gritar, para as vizinhas a deitarem na cama. A casa dela é muito velha e só tem uma mesita e um cassoila e uma rijela. A cama dela não presta para nada e só tem dois farrapitos. A casa dela está quasi a cair e por detrás é um palheiro. Ela também diz que no outro dia as vizinhas lhe deram umas sardinhas muito salgadas e que lhe ficou a doer o estômago e agora trás o estômago amarrado com cordeis. A cama dela cheira muito mal quasi a cair e tem persebejos. Ela diz que não dorme quasi nada, a gritar. Também passa dias sem comer quasi nada.

Houve uma semana que ela só comeu um bocadito de brôa muito rija. Também tem a porta quasi toda partida. E por isso eu peço a todos os assinantes deste jornal que, se poderem, mandem alguma coisa para a conferência da Casa do Gaiato de Miranda do Côrvo. Cá se dará à tal velhinha.

O secretário—João Carlos.

Esta carta, inteiramente do punho do Gaiato João Carlos, do vadio de ontem, é um documento sério.

O ARDINA de Lisboa João Marques Pereira veio de visita à nossa Aldeia, e falou assim: —
«A Casa do Gaiato obra de amor, de bem, e de carinho para com os pobres gaiatos que viviam muitos dêles sem agasalhos sem carinhos

nossa «Casa do Ardina» que também se tem sacrificado para com os nossos irmãos ardinhas, e que se ade de voltar cada vez melhor dando boas estruturas aos pequenos vendedores de jornais. Mas para isso o Sr. Padre Américo e a nossa mãe,

Fala um ardina de Lisboa

e cheios de fome devido a não terem alguns dêles pai nem mãe outros que tem pai só, mas não querem saber dêles, devido às más instruções que lhe deram quando eram pequenos. Pois para isso o Sr. Padre Américo fundou esta obra tão prima que pelo seu exemplo de amor, muitas outras se estão construindo à sombra da sua virtude de bem. Tais como a

Maria Luiza, desejavam ser auxiliados por Vossas Ex.sias Muito obrigados.

João Marques Pereira.

O António Gomes Marques também esteve dois dias conosco e escreveu uma carta, que a seu tempo se publicará. Os dois Ardinhas foram recebidos por um LISBOETA da nossa malta, e deram provas de canaradagem e muito aprumo. Que vendam muitos Gaiatos, e até às vindimas.

Uma importante COMUNICAÇÃO

Não se viu jámais em Portugal uma aldeia sem «alminhas».

A «Aldeia dos Rapazes» é em Portugal.

Se algum português gostar de se ligar espiritualmente à nossa obra, levante hoje o dedo e diga que sim: «Alminhas» da beira dos caminhos, com sua lampada votiva, onde o pequenino das ruas possa queimar azeite, se tiver a devoção de iluminar as almas.

Oh mundo ingrato, que tanto mal tens feito sem dar por ela; não estorves nunca a Crença de realizar, em pequenina, pequenas acções, que elas representam e «são» a marca da sua vida futura — não estorves!

Manda hoje pelo correio, em carta fechada, o cheque para as «alminhas»: Manda outrossim o classico verso popular como fôr do teu gosto, para ser escrito no retabulo, e vem ver depois o monumento. Já nos morreram dois pequeninos, depois que moramos em comunidade, ambos em Coimbra; foi o Marcolino ha um ano e agora o Antonito. Monumento aos nossos mortos, as alminhas, da nossa «Aldeia». Mortes da grande... Miséria!

Tenho dito.

UMA CARTA

O Pôrto tem no seu falar a eloquência do Amor.

Eu tenho um filho um pouquinho mais novo do que tu, que fazes agora nove anos. E, muito embora nós não sejamos ricos, ele tem muitos brinquedos e por isso nem sempre brinca com todos. Disse-lhe que tu, por teres sido menos afortunado, não devias ter brinquedos e ele quis que também tu tivesses uma prenda no dia dos teus anos. E' um anão de corda, que dá cambalhotas, o que ele te oferece. Mas põe uma condição: que deixes os teus camaradas brincar também um bocadinho com ele. Valeu?

Então toma lá um beijo de parabéns que te manda o Alexandre (assim se chama o meu filho) e uma mãozada do teu amigo...

Se pudessemos dispor de fundos, havíamos de dar a cada uma das casas lareira acesa e comida feita. Não pode ser. Contudo, os núcleos de cada uma das habitações, têm no refeitório lugar marcado, por famílias. O mesmo se diz nos trabalhos domésticos, na escola, nas oficinas, de sorte que onde quer que estejam, não são bandos de rapazes; são pequenas famílias.

A ideia de casas independentes, às avessas de tudo quanto ordinariamente se tem feito em obras congéneres, não é de forma alguma um apurar de raças, antes um formar de consciência. Mais facilidades de conhecer, de amparar, de corrigir. Tratamos aqui as doenças da alma, como nos hospitais, em pavilhões, se tratam as do corpo.

O pequenino vigilante das casas, a que poderíamos chamar o *Pal*, é um de-entre os ramos que aparecem, com qualidades de ser querido e obedecido. Todo o trabalho dos orientadores, está justamente em escolher e formar os chefes.

Há a Casa-Mãe; há o edificio-escola; edificio-officinas; campo de jogos; piscina; balneários; enfermaria; capela; grande refeitório para duzentos e cinquenta, com salas de recreio no primeiro andar.

Assinaturas pagas

Responderam dois terços; muito esperamos dos que estão para chegar.

«O Centro Vidreiro do Norte de Portugal», quis pagar a assinatura com cem copos e dez garrafas da sua industria. Armino Gomes de Miranda do Corvo, 25\$00; Mário da Costa Lebre de Coimbra, 20\$00; Directora do Colégio de S. José de Coimbra, 30\$; Adelaide de Vasconcelos Lebre da Mealhada, 30\$00; Maria Emilia Rezende de Sinfais, 30\$00; Dr. João Pinto da Costa Leite de Lisboa, 50\$00; António Vieira dos Santos da Lixa, 20\$00; António Pereira Júnior de Coimbra, 20\$00; António da Silva Teixeira idem, 50\$00; José Carvalho do Porto, 20\$00; Dr. José Rodrigues de Penhalva do Castelo e Amélia Rodrigues Marques da Figueira da Foz, 50\$00 cada, por dois meses. Dr. Victor Macedo Pinto da Foz, 120\$00; Maria Carolina Macedo Pinto idem, 24\$00; Maria do Carmo Tudela idem, 24\$00; Constança Gonçalves da Foz 24\$00 Dr. José Vasconcelos do Porto 25\$00; Pedro Seixas da Foz, 50\$00; Francisco do Couto Sotto Mayor de Monção 50\$00.

Diogo de Almeida, 50\$00; e António Vaz Mauricio, 50\$00 e Henrique Alberto Cabral, 40\$00 e António Joaquim Moreira, 50\$00—todos de Mogadouro, António Vieira de Madureira de Penafiel, 20\$00; Uma assinante do Porto, 20\$00; J. Monteiro de Lima idem, 20\$00; Dr. Anibal Alçada da Covilhã, 50\$00; Maria Bella Vasquez Ortega de Barrancos, 50\$00; Manuel Carvalho Soares da Costa de Gaia, 50\$00; Luiz Barreiros idem, 30\$00; Tenente José Barbosa do Rosio—ao Sul—do Tejo, 30\$00; P.º Alfredo Martins Dias do Seminário de Alcains, 25\$; Ofelia Gonçalves da Silva do Porto, 50\$00; Tomaz de Moraes Pinto de Lisboa, 100\$00; Heliodoro Vieira de Coimbra, 50\$00; Manuel Alzino de Lisboa, 50\$00; Maria de Lourdes Saldanha Leitão de Lisboa, 20\$00. Os seguintes senhores empregados do Grémio da Lavoura de Bombarral:—Duarte Cipriano Ferreira, 20\$00; Joaquim Giraldes Monja, 21\$00; José Gomes Monja, 25\$00; José Faria Pimenta Vieira, 10\$00; F. António Mil-Homens, 12\$00; Salvador Carvalho Santos, 20\$00; Pedro Mendonça Fernandes, 20\$00 e Agostinho Gomes da Fonseca, 24\$. Viva o Grémio de Bombarral!

Maximiano Batista da Lourinhã, 20\$00; Elvira Dias Jerónimo do Bombarral, 10\$00; P.º Fernandes dos Santos Diogo idem 20\$; Manuel Ferreira da Costa, 20\$00, também do Bombarral. Quando passar por esta vila hei-de fazer pausa e agradecer as migalhas devotas de O GAIATO.

Américo Margarido de Moneorvo, 20\$00; Joaquim André de Galegos, 10\$00; Maria das Dores Vasquez Perez de Barrancos, 25\$00; Liga Portuguesa de Profilaxia Social do Porto, 20\$00; Dr. António Lopes de Tomar, 50\$00; Dr. Alfredo Matoso idem, 50\$00; Vigário de Tomar, 30\$00; Dr. Agostinho Pires idem, 25\$00; Dr. Emanuel Salgueiro idem, 20\$00; Mário Tavares de Cardigos, 50\$00; Artur Farinha da Silva de Lisboa, 50\$00; Alda Brandão de Braga, 20\$00; e da mesma cidade com a mesma quantia, Alexandrina Santos e Joaquina Magalhães e Maria Adelaide Vilela e Maria

Alice Barbosa; com 24\$00 Maria Carolina Leite da Silva; com 5\$00 por mês Etelvina Gonçalves, com 5\$00 por semestre Maria Amélia Leceiros, com 3\$00 de dois meses Elsa Peixoto, com a mesma quantia; Herminio Bacelar, com 5\$ por trimestre Isabel Maria de Oliveira—Tudo Raparigas do Magistério Primário. Dr Bernardino Gonçalves Costa de Braga, 20\$00; e Prof. Artur Sobral idem, 25\$00; Maria da Conceição Minhois de Vila do Conde, 25\$00; Cristina Gandra idem, 25\$00; Carminda Boaventura de Espozende 20\$00; Lidia Cardoso Guimarães de Fraga, 20\$00 Pedro Oliveira Gomes idem, 20\$00; Manuel Velloso Gomes idem 20\$00; Comendador Luciano Falcão de Miranda do Corvo, 25\$; Armindo Guimarães de Famalicão, 20\$; Ezequiel Vieira de Castro idem, 25\$00; António de Sá Couto de O. de Azemeis, 25\$00; Dr. Armando Régio Falcão de Coimbra, 25\$00; Dr. J. Almeida Santos 48\$00. A distância não separa os amigos. Francisco M. Falcão 25\$00; Dr. António F. Monteiro, 50\$00; ambos de Coimbra, Joaquim M de Sousa de Avelar, 50\$00; Alvaro Gomes de Coimbra, 25\$00; Luiz Oliveira Santos idem, 25\$00; P.º Luciano da Pampilhosa da Serra, 50\$00. Um grande abraço muito do coração ao Saudoso amigo Luciano. Maria do Pranto Rosa Lopes de Miranda do Corvo, 25\$00; Manuel Esteves Pereira idem, 25\$00; Dr. Guardado Lopes de Coimbra, 25\$00.

Continua.

Um esclarecimento

Alguem que deseja oferecer uma máquina de costura a uma obra de assistência, não ofereça ao P.º Américo porque ele já tem cinco.

Não é assim. O P.º Américo pediu de uma vez em Coimbra, para a Casa de Miranda, uma máquina de coser, e deram-lhe de facto cinco delas.

Isto foi há anos. Dessas cinco, está uma na casa de Miranda, outra no Lar do Pupilo dos Reformatórios de Coimbra, outra está em Paço de Sousa e duas estão na mão de costureiras pobres.

Ora agora que se vai também abrir na cidade do Pôrto um Lar para os Rapazes saídos dos nossos Reformatórios, essa tal máquina, do tal alguém, vem mesmo atalho de toice. O «Depósito» da Rua das Clérigos, recebe e eu agradeço, antecipadamente a bem da Nação.

Crónica desportiva

Realizou-se no dia 29 do mês passado um encontro de futebol entre o Club desportivo dos Gaiatos e o Club de Paço de Sousa, onde safu vencedor por 7-2 o Club dos Gaiatos. No grupo dos Gaiatos alinharam: Luciano, Sérgio, Lisboa, Pepe, Amadeu, Girafa, Gari. Antes do desafio começar, tivemos um treino onde tivemos a infelicidade de rebentar a bola. Por isso pedimos o favor aos benfeitores da Casa do Gaiato, se nos mandam uma bola porque no desafio tivemos de jogar com a do outro Club. Foi uma honra para a Casa, os Gaiatos venceram os rapazes de Paço de Sousa, e mesmo por isso era cada rapazão que eles alinharam, à nossa vista, até metiam medo, mas tinhamos que lutar para a vitória e tivemo-la. O António e o Júlio tiveram que sair do jogo por se aleijarem.

JULIO.

Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nele se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta.

Adquire hoje o livro.

Vende-se nas Livrarias do País.

Resposta a um postal

A quem nos escreveu um postal a pedir as medidas da toalha para o altar da capela da Casa de Miranda, respondemos que mede 2 metros por 70 cms.

gaiatos, tem o seu jardim fora da casa e cada casa tem o seu. Ele semeia, planta, rega, colhe, dispõe nos vasos as flores de que mais gosta, onde melhor lhe parece. O rapaz cria amor; interessa-se pela sua casa. Educa-se. Possui-se. A verdade, onde quer que se encontre, revela e revolucionaria.

A Casa-Mãe, é uma admirável criação do architecto. Dispõe-se a receber no rés-do-chão o pessoal feminino, e os orientadores, no primeiro andar. Tem um refeitório para cem pessoas, em serviço provisório, até que seja construído o edificio próprio.

O edificio das escolas, contém cinco salas adequadas para outras tantas classes de ensino primário. O Ministro da Educação Nacional, criou cinco escolas nomeia para elas outros tantos professores, mediante a nossa escolha. Também dispõe o edificio de gabinetes e mais dependências para ensino complementar; luzes de comércio, industria, agricultura. Não que se pretende formar doutores, mas temos obrigação de abrir as portas aos nossos rapazes. Não são eles quem deve trabalhar para nós, antes nós para eles.

(Folhetim de «O GAIATO», número 6)

OBRA DA RUA

Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes

O Convento de Paço de Sousa, hoje Casa do Gaiato, foi uma fundação, que esteve até o ano de 1918 nas mãos de uma comissão local, data em que a Junta Distrital do Pôrto tomou conta. Sucedeu-lhe a Junta do Douro Litoral que o abandonou em 1939, após um incêndio. Em Março de 1943, o Governador Civil do Pôrto faz um estatuto pelo qual o convento e cêrca são entregues à Casa do Gaiato do Pôrto, criada no mesmo instrumento.

Verificou-se, antes dêste passo, que a propriedade não era da Junta nem património do Estado: era da Fundação.

Tomamos posse a 24 de Abril daquele ano e três dias depois, começamos a demolir, para construir. Houve protestos e reparos: *porque não se aproveita o que está?*

Na verdade, aproveitar o que está, tem sido norma de quasi todos

os estabelecimentos de educação da crença abandonada.

A própria Junta, tinha já em mãos um projecto de reedificação do convento para o mesmo fim, que era um total aproveitamento. Não é zelar o interesse da crença nem da Nação. E' deitar remendos em pano velho, por preguiça de fazer novo!

As casas de família têm todas um alpendre de verdura e nas janelas cachorros, para o vaso de flores. Procurou-se beleza e sobriedade; são casas de habitação e educação. Não podemos ir para a casa-berloque; para o irreal; para a fantasia. O pequenino tem de construir-se dentro destas construções; a verdade deve andar à tona; ele dá fé.

Queremos que o miúdo veja, que apalpe, que compreenda. Que não encontre nada de novo, quando tiver de sair de casa para a vida. Miragens, não. Objectividade.

O feliz habitante da aldeia dos

REDAC

Casa

P A C

W A

Eu a

doente

vinhan

Corri

davam

suas ca

o meu

ção no

mim r

sofrime

pobre-

levar c

sera qu

enquar

Miranc

A cart

ta. In

tôda a

Fiquei

migo r

E' figa

Entr

roupa

que ni

com m

Fico

me ve

mas êl

que ve

lisar a

sem u

saía d

prar o

muito

um ne

as joia

mento,

andava

rato q

de Co

coisas,

tempo,

um col

-se qu

tendo

anel d

cem.

Esta

—mas

saber c

Tinh

A mala

foi me

1903.

feito n

gorget

Gerez.

Julg

meio c

foi ass

chegad